

## ATUALIZAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FISIOTERAPIA NO BRASIL

Carmen Maria Kligman Barguil

fisioterapeuta, doutora em história das ciências e da saúde pela COC/ FIOCRUZ

ckbarguil@gmail.com

### RESUMO

A história da fisioterapia brasileira foi narrada tanto por médicos quanto por fisioterapeutas, mas sempre considerando-se a década de 1950 como marco fundamental relacionado à formação e/ou à profissionalização. Este trabalho visa contribuir para as histórias da medicina e da fisioterapia brasileiras mostrando que o campo de conhecimento denominado de fisioterapia se constituiu nos primeiros trinta anos do século XX. Utilizando as categorias fleckianas – coletivos de pensamento, estilos de pensamento, fato científico, circulação de ideias, círculo esotérico e exotérico – analisa o processo de constituição e projeção do campo de conhecimento da fisioterapia no Rio de Janeiro no período de 1904 a 1931.

### Palavras-Chave

medicina, fisioterapia, ciência médica, teorias fleckianas; terapias físicas.

A história da fisioterapia brasileira foi narrada tanto por médicos quanto por fisioterapeutas, mas sempre considerando-se a década de 1950 como marco fundamental relacionado à formação e/ou à profissionalização. ARAÚJO LEITÃO (2005), médico memorialista, relata a existência de instituições e de estudos médicos (teses e artigos na imprensa médica nacional e internacional) sobre recursos físicos, principalmente sobre a hidroterapia e a eletroterapia, desde a segunda metade do século XIX, considerando-os apenas como “precursores” da institucionalização da fisioterapia. Segundo este autor, o marco desta institucionalização seria a década de 1950: internacionalmente, com a valorização da reabilitação no tratamento de sequelas pós-guerra, encampado pelos Estados Unidos, e, nacionalmente, com a inauguração do Serviço de Reabilitação do Instituto de Neurologia, chefiado pelo Dr. Deolindo Couto e sediado na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, sendo o ano de 1954 decisivo:

A nova especialidade veio à luz em 1954, quando ocorreu a fundação da Sociedade Brasileira de Fisioterapia (médica) mais tarde chamada de Medicina Física e de Reabilitação, após recomendação da Federação Mundial de MF&R, sediada na Europa (ARAÚJO LEITÃO, 2005: 240).

Registra também a criação da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), no Rio de Janeiro, e a criação da Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD), em São Paulo, como importantes centros de reabilitação disponibilizados à população brasileira.

Além do estudo de ARAÚJO LEITÃO (2005), há um livro clássico adotado como bibliografia na maioria dos cursos de graduação em fisioterapia, na disciplina História da Fisioterapia, *Fisioterapia no Brasil* (REBELATTO E BOTOMÉ, 1999). Nesse livro, os autores, professores do curso de graduação em fisioterapia da Universidade Federal de São Carlos, abordam o objeto de trabalho em fisioterapia (o indivíduo lesionado ou o indivíduo são, tratando da prevenção de lesões), a formação curricular do fisioterapeuta, e as perspectivas de atuação e ensino. Discutem ainda a fisioterapia enquanto campo de atuação profissional e área de conhecimento. Pesquisam a gênese da fisioterapia nos currículos das faculdades, desde a década de 1950, e sua atenção voltada ao fenômeno doença. Sua perspectiva é situar a fisioterapia enquanto ciência, relacionando-a à medicina, por meio da análise de currículos institucionais dos cursos brasileiros. A análise realizada e a comparação de currículos levam à conclusão de que a fisioterapia é uma ciência aplicada à medicina, e não uma ciência produtora de conhecimento. Reconheço que esse questionamento, incitado por REBELATTO E BOTOMÉ, foi fundamental nos anos 2000, principalmente no meio acadêmico, com a multiplicação dos cursos de graduação em fisioterapia. Tratou-se de uma importante discussão sobre as bases curriculares e a formação em fisioterapia. Porém os autores desconsideram quaisquer outras formas de produção de conhecimento, tais como livros, artigos, revistas, conferências e etc., que ocorriam concomitantemente aos cursos de graduação.

BARROS, fisioterapeuta, por sua vez, tem estudos importantes relacionados à história da profissionalização do fisioterapeuta. Em sua dissertação de mestrado, BARROS (2002) analisa a trajetória da formação do fisioterapeuta no Rio de Janeiro, tomando como recorte temporal a década de 1990, dada a criação do primeiro curso

público de fisioterapia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1994. Já em BARROS (2003), o autor trata da profissionalização e da construção da identidade do fisioterapeuta como um processo que se tornou acentuado na década de 1950, pela demanda do pós-guerra em reabilitar indivíduos para o mercado de trabalho, iniciada nos Estados Unidos. Ao abordar registros históricos da fisioterapia no Brasil, nos séculos XIX e XX, BARROS (2003) parece confirmar a relevância da pesquisa sobre minha temática, no que se refere à investigação sobre os investimentos médicos no início do século XX em torno da fisioterapia.

Talvez o fato mais interessante do contexto da fisioterapia brasileira na virada do século XIX para o século XX seja a importância que os profissionais médicos depositavam sobre esta área do conhecimento, de forma mais ou menos acertada, o que permitiu que ficassem registradas, inclusive, verdadeiras disputas pelo conhecimento e domínio da fisioterapia. Foram também produzidas várias teses para obtenção do grau de Doutor em medicina baseadas em estudos, por vezes entusiasmados, sobre a fisioterapia na virada do século. (BARROS, 2003: 24)

A importância relatada por BARROS refere-se ao alto valor atribuído pelos médicos brasileiros à terapêutica física, desde a segunda metade do século XIX. Como vimos, naquele momento já existiam, na cidade do Rio de Janeiro, além de produção acadêmico-científica, instituições de prática da fisioterapia. Estas eram ou instituições privadas, como os Institutos de Hidroterapia do Dr. Carlos Éboli, em Nova Friburgo e o do Dr. Eiras; Institutos de Eletroterapia, como os do Dr. Álvaro Alvim, e o Instituto de Raios X e Eletricidade Médica Dr. Toledo Dodsworth e ainda Institutos de mecanoterapia, como o do Dr. Adolpho Possolo. Instituições públicas, como a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, a Maternidade Laranjeiras e o Hospital São Zacharias, também utilizavam a fisioterapia.

BARROS (2008) também enfoca a história da fisioterapia frente às condições sócio-históricas da década de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, onde a poliomielite mobilizou as camadas média e alta da população em torno do tratamento e das suas consequências. Essas consequências eram sequelas incapacitantes, como a paralisia infantil, causadas por vírus, que atingiam qualquer classe social. Naquele momento, a criação de um centro de reabilitação filantrópico era imperiosa, assim como a inauguração

de cursos de formação de profissionais reabilitadores: os fisioterapeutas. Conclui ressaltando que na década de 1950 a associação de médicos e empresários e a participação da imprensa em matérias jornalísticas de forte apelo humanitário e emocional foram fundamentais para a inauguração do primeiro curso de fisioterapia descolado da profissão médica, criado na Escola Brasileira Beneficente de Reabilitação, Rio de Janeiro, em 1956. Sua pesquisa resgata a historicidade da criação das escolas de fisioterapeutas, assinalando as singularidades do caso brasileiro em relação a países europeus, aos Estados Unidos e à América Latina. Desde o início, a Escola Brasileira Beneficente de Reabilitação teve a intenção de capacitar profissionais de nível superior e não apenas técnico, como nos outros países europeus e o norte-americano, que criaram cursos de formação técnica.

Nas histórias da medicina e da fisioterapia brasileiras, a existência de um campo de conhecimento que se autointitulava “fisioterapia”, “medicina física” e “medicina prática”, desde o início do século XX, é um fato importante que ainda não mereceu a devida atenção dos historiadores e outros pesquisadores da área. Essa história mereceu ser abordada a partir da análise da produção do conhecimento encampada sob esta rubrica, que teve como veículo privilegiado a *Revista Brasileira de Physiotherapia e Medicina Prática*. O panorama geral da existência dessa publicação foi a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, que desponta no século XX repleta de "novidades": os processos de industrialização, de urbanização e de imigração acentuavam os problemas médico-sociais relacionados às doenças como tifo, febre amarela e malária; as associações corporativistas praticavam um modelo liberal de assistência à saúde, uma vez que o Estado assumia papel de mediador em questões definidas como do âmbito da saúde pública. Nesse contexto, o periodismo médico caracterizou-se pela busca da originalidade brasileira e do embasamento científico, na construção de um saber médico (SCHWARCZ, 1993: 199).

Nos primeiros anos do século XX (1904), a palavra fisioterapia aparece como título de uma tese da FMRJ, escrita por Adolpho Gomes Pereira. Seu significado é o de terapia físico-fisiológica, um ramo da terapêutica, que almeja tornar-se mais ancorada na fisiologia; segundo a citação de Huchard, “a terapia será fisiológica ou ela não existirá”

(PEREIRA, A. G., 1904). No ano de 1915, surge um periódico específico sobre o tema, intitulado *Revista Brasileira de Physiotherapia e Medicina Prática*. Esse periódico foi gestado por um círculo de especialistas formado por médicos e estudantes de medicina, em torno dos quais se agrupavam diferentes práticas, como hidroterapia, mecanoterapia, helioterapia, eletricidade e radiologia. A reunião destas práticas, denominadas de fisioterapia, foi ancorada nas “ideias” impregnadas ao conhecimento médico da segunda metade do século XIX, relacionadas às terapêuticas físicas, como a física médica, a fisiologia, a hidroterapia, a climatologia e a eletricidade. A estas agrupou-se a radiologia, que envolveu tecnologia, equipamentos, custos e conhecimento especializado, expertise que estava, ao mesmo tempo, sendo elaborada. Enquanto a medicina europeia incorporava instrumental tecnológico, como aparelhos de eletricidade, máquinas de raios X, equipamentos mecanoterápicos, equipamentos de hidroterapia, uma parcela dos médicos brasileiros, a maioria situada na capital federal, também realizava cursos de formação e/ou importava estes aparelhos (EIRAS, 1877, DODSWORTH, TOLEDO 1912, POSSOLO, 1907, 1908, GOMES, 1916). VIEIRA demarca as transformações do ato médico, a partir do início do século XX, com a incorporação das tecnologias de exames laboratoriais, radiológicos e de medicamentos confeccionados por laboratórios, como de “crise da profissão” e de passagem da “era poli-clínica” à “era das especializações” (VIEIRA, 1982: 53). Sabemos que na sociedade capitalista burguesa custos profissionais envolvem despesas que demandam estratégias (PEREIRA NETO, 2001: 29). Deduzo que uma dessas estratégias teria sido o aumento da clientela, ou pela disponibilização dos serviços para pacientes de outros médicos que não tivessem o(s) aparelho(s), ou para uma clientela de membros de associações corporativistas, as quais supriam parte da demanda de assistência médica. Uma maneira possível de conquistar a clientela de alguns desses médicos era divulgar e demonstrar a importância da radiologia e das terapêuticas físicas no cenário mundial e em todo o escopo de doenças da medicina. Esse “leque” abrangia a tuberculose, uma doença que ultrapassava o domínio do privado e era objeto de atenção das políticas da saúde pública, considerada o “mal do século”; as perdas físicas e funcionais causadas pelas guerras; e as patologias de especialidades que começavam a se constituir: psiquiatria, pediatria, ginecologia e dermatologia. Como

um diferencial brasileiro incluiu as doenças parasitológicas, tais como a tripanossomíase sul-americana, doença integrante de uma área do conhecimento médico denominada medicina tropical (KROPF, 2009: 57-58).

Mas a tentativa de criação de um novo campo de conhecimento introduz práticas, ressignifica categorias terapêuticas, gera novas palavras e produz novos sentidos. Novas palavras, como semicúpio e antipirese hidriátrica, e novas práticas, como injeções de água do mar, ressignificam a hidroterapia. Ela passa a ser vista como um medicamento semelhante ao plasma, e, por isso aplicável subcutaneamente, sendo também um medicamento revigorante, um “serum hidriático”, que ativaria o sistema imunológico. Os banhos de ar, banhos de luz e banhos hidroelétricos, por sua vez, ganham novo status com as máquinas de ar quente, com as tipificações e medições das ondas luminosas, assim como das ondas elétricas. Rontgendiagnose, radiodiagnose, rontgenterapia, radioterapia e radiumterapia são simultaneamente novas palavras e práticas, que vieram agregar técnicas de diagnose e de terapêutica à rubrica fisioterapia. Ao engendrar essas novas aquisições, a legenda fisioterapia foi ressignificada nos anos de 1910: ela é uma terapia físico-fisiológica e um ramo auxiliar da medicina para diagnose e tratamento, isto é, totalmente embasada na física médica e atuante na fisiologia dos processos orgânicos.

A *Revista* interrompeu sua circulação no ano de 1916, após a morte do Dr. Toledo Dodsworth e a convocação do Dr. Jorge de T. Dodsworth como quadro da Marinha. A fisioterapia não se constituiu como especialidade médica na segunda década do século XX. O fracasso do projeto de construção da especialidade fisioterapia ocorreu principalmente por dois motivos: O primeiro é que muito das perspectivas dos agentes físicos direcionados à uma ampla gama de doenças não se verificaram, pois os tratamentos apresentaram limitações e insucessos. O segundo motivo é que, tal como antecipamos, houve uma dispersão destas práticas da fisioterapia em áreas da clínica médica e cirúrgica que estavam se constituindo como especialidades: o campo do tratamento do câncer e o campo da radiologia.

Muitas de suas práticas de diagnose e tratamentos, no entanto, continuaram a ser exercidas, e documentadas, uma vez que estavam inseridas e valoradas no pensamento médico brasileiro, ao mesmo tempo enquanto terapêuticas e enquanto técnicas de

diagnóstico Utilizando as palavras de LIPKE (1928), as ideias do “valor” das terapias físicas e do seu “lugar” no campo da medicina foram apropriadas por especialistas particulares da radiologia, da eletricidade e da hidroterapia. Configurou-se então um coletivo de pensamento que ressignificou e legitimou as terapias físico-fisiológicas, conforme os parâmetros de cientificidade vigentes.

## Bibliografia

- ARAÚJO LEITÃO Medicina de Reabilitação In: Gomes, M.M.; Vargas, S.S.M. e Valladares, A.F. *A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em Dois dos Cinco Séculos de História do Brasil* Rio de Janeiro, Atheneu, 2005
- BARROS, F.B.M. *A Formação do Fisioterapeuta na UFRJ e a Profissionalização da Fisioterapia*, Dissertação (Mestrado em Medicina Social), IMS/ Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002.
- Autonomia Profissional do Fisioterapeuta ao longo da história. *Revista FisioBrasil*, Brasil, n. 59, 2003: 20-31.
- Poliomielite, filantropia e fisioterapia: o nascimento da profissão de fisioterapeuta no Rio de Janeiro dos anos 1950. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, 2008: 941-954.
- BERNARD, C. *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, Paris, 1865.
- DODSWORTH, Toledo O ensino da Física Médica nos países estrangeiros. In *Revista Médico-Cirúrgica do Brasil*, 1912
- EIRAS, C.F. *Das indicações e contra-indicações da hidroterapia no tratamento das moléstias do sistema nervoso* Tese (Doutoramento em medicina). Rio de Janeiro: Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, 1877).
- FLECK, L. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madri: Alianza Editorial, 1986.
- GOMES T. Notas Historicas Sobre a Hidroterapia no Brazil. In *Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno II: n.7, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères , janeiro-fevereiro de 1916: 2-5.
- KROPF, Simone. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.
- LIPKE, J. *O lugar e o valor da physiotherapia na theraperatica medica*. Tese (Revalidação de diploma). Rio de Janeiro: Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, 1928.
- PEREIRA, A.G. *Physiotherapia*. Tese (Doutoramento em medicina). Rio de Janeiro: Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, 1904.
- PEREIRA NETO, A.F. *Ser médico no Brasil. O presente no passado*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- POSSOLO, A. Uma viagem à Europa. Relatório apresentado à Associação dos Empregados do Comércio, Rio de Janeiro, 1907.
- \_\_\_\_\_. *A cirurgia dos acidentes*, 1908.
- REBELATTO, J. R E BOTOMÉ, S. P. *Fisioterapia no Brasil* São Paulo: Manole, 1999
- Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno I: n.1, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, maio de 1915 .

*Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno I; n.2, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, junho de 1915.

*Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno I: n.3, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, julho de 1915.

*Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno I: n.4, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, agosto de 1915.

*Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno I: n.5, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, setembro-outubro de 1915.

*Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno I: n.6, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, novembro-dezembro de 1915.

*Revista Brasileira de Physiotherapia e de Medicina Prática*, Anno II: n.7, Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, janeiro-fevereiro de 1916.

SCHWARCZ, L. O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIEIRA, P.G. *Assistência médica no Rio de Janeiro (1920-1937). Reformas institucionais e transformações da prática médica*. Dissertação (Mestrado em Medicina Social). Rio de Janeiro: IMS/ UERJ, 1982.